

A Lingua Russa - História, Evolução, Ensino

Olga Felício
(Professora na Universidade Lusófona)

Origens

Os primeiros dados históricos sobre a Rússia e o povo «Ros» pertencem ao século VI. Essa etnia eslava vivia no lugar onde o Rio Ros desagua para o Dniepre. Sobre os russos do século VI sabemos que eram altos, valentes e vigorosos. No século IX tornou-se o estado dos eslavos de Leste, «Rus», com a capital que tinha o nome da actual capital da Ucrânia. Eis porque a Rússia de então é conhecida como «Kievskaja Rus». Num manuscrito persa, encontrado em 1892, a Rússia da primeira metade do século IX é descrita como «um país extenso, com a população de ar desafiante e guerreira...»

A natureza dotou a Rússia de abundantes recursos. O desenvolvimento do comércio e a navegação, pelos mares do Norte e do Sul, enriqueceu a sua cultura graças ao relacionamento estreito com os países mais próximos. Os laços estreitos com Bizâncio beneficiaram a adopção do cristianismo como a religião oficial. Em 988 o príncipe russo Vladímir adoptou o cristianismo e baptizou os russos em massa no Rio Dniepre. O cristianismo espalhou-se por toda a Rússia substituindo o paganismo (cultos do Deus da Guerra - Perum, do Deus da riqueza - Veles, entre outros). A nova religião enraizou-se bem no solo russo, pregando as normas morais. No século XII «Kievskaja Rus» já era um dos principais países da Europa. No seu território existiam dezenas de milhares de aldeias e povoações que deram origem a futuras cidades.

Fundação de Moscovo

No início do século XII «Kievskaja Rus» dividiu-se em mais de uma dúzia de

principados. Uma região no Nordeste Russo, entre os rios Volga e Oka, célebre pelas suas terras férteis e bem protegidas pelos bosques dos assaltos das tribos nômadas, foi governada pela príncipe Iuri Dolgoruki - Iuri-das-Mãos-Longas. Este construiu várias cidades e fez alianças com os vizinhos. Em 1147 convidou-os para a celebração da vitória sobre os inimigos, numa aldeia fronteiriça, «Moscou». Esta data é considerada como a data da fundação de Moscovo. Em 1156, foi construída nesta cidade a primeira fortaleza de madeira, que se tornou uma das maravilhas do mundo - o Kremlin de Moscovo.

Geografia

A Federação Russa é o maior país do mundo. Mais de 10 mil quilómetros e 11 fusos horários separam Sochi, no Oeste, de Vladivostok, no extremo Leste. O seu vasto território alcança dois continentes, a Europa e a Ásia. A parte Europeia delimitada pelos Montes Urais reúne quatro quintos da população, e as principais cidades, entre elas a capital, Moscovo, e a imperial São Petersburgo. A leste do Rio lenissei, elevam-se planaltos e serras bastante elevados e ao Sul estende-se o Cáucaso. As planícies inóspitas da Sibéria, na porção asiática, concentram as ricas reservas minerais que fazem do país líder mundial na produção de carvão, petróleo e gás natural. A grande extensão territorial, porém, esconde uma fragilidade geopolítica, que se traduz na existência de poucas saídas para águas navegáveis. Com uma longa costa gelada no Oceano Glacial Ártico e no Mar de Bering, restam os portos estratégicos nos mares Negro, Báltico e de Barents.

Cirilo e Metódio

Foi no século IX, no ano 827, que nasceu Constantino, sétima criança de uma família aristocrática. Na cidade de Salónica, na costa do mar Egeu, Constantino e seu irmão mais velho Metódio, que na altura tinha catorze anos, mostraram-se desde cedo muito inteligentes para as suas idades. Muitos cientistas crêem que desde os meados do século IX numerosos grupos eslavos viveram na Grécia e que, assim sendo, a mãe de Constantino e os seus irmãos eram eslavos. Por volta do século IX, Roma, Vaticano e Constantinopla eram cidades consideradas como centros da vida religiosa, da cultura e da política de muitos povos tendo, portanto, influência sobre todas as regiões que dominavam. Foi sobretudo na religião que estas cidades mostravam a sua supremacia, permitindo que as missas fossem apenas faladas ou celebradas em latim, grego e hebraico. O desenvolvimento e prosperidade dos países tornavam-se assim dependentes da religião.

Apesar da obrigatoriedade das referidas três línguas, a família de Constantino falava, além dessas, a sua língua materna, o eslavo. Quando tinha cerca de vinte anos, Constantino, porque pertencia a uma família considerada influente e rica, deu entrada num convento para continuar os seus estudos. Sempre fora bom aluno a todas as disciplinas, mas tinha um fascínio especial pela história das religiões. Após a sua formação em Teologia, que foi precedida por uma cerimónia, Constantino recebeu o nome de Frei Cirilo. Para a sua época, este era um homem muito inteligente dotado da capacidade de falar várias línguas, entre outras o árabe e o hebraico, sendo considerado pelos seus colegas como um filósofo. Metódio, o seu irmão mais velho, também se tinha tornado frade, tendo ambos desempenhado um importante papel no desenvolvimento do Cristianismo na Europa.

Quando tinha vinte e quatro anos, Cirilo, já cientista, teólogo e linguista, aceitou a seu cargo a tarefa, ordenada pelo Imperador, de converter os povos eslavos recém-convertidos. O Imperador de Bizâncio escolheu Cirilo para converter os povos ao Cristianismo, e desse modo unificar o povo e a religião, centralizando o poder.

É neste momento que poderemos colocar a questão: «Se esses povos aceitaram o Cristianismo como a sua única religião, porque não aceitaram o grego (latim ou hebraico) como língua ou forma de divulgar essa religião?»

Na altura, a situação política tornava urgente a aceitação do Cristianismo, mas o problema residia ainda na sua divulgação. Antes de Cirilo, já muitos outros cientistas (linguistas) tinham tentado inventar um novo alfabeto para o eslavo, pois apesar desta língua ser falada pelos povos convertidos ao Cristianismo, ainda não possuía uma forma escrita. A adopção de símbolos gregos e latinos tornava-se impossível, pois a fonética do eslavo era difícil e não poderia utilizar os mesmos símbolos para a sua representação.

Foi ao longo de vinte anos que Cirilo e Metódio tentaram compreender as diferenças existentes entre a sua língua materna e a língua da sua religião, conseguindo finalmente inventar um novo alfabeto. Cirilo morreu, com quarenta e um anos, após ter concluído o trabalho a que se propôs, ou seja, o trabalho de uma vida inteira. Após a sua morte, o Papa Adriano II nomeou o seu irmão Metódio arcebispo. No ano 870 autorizou que as missas fossem celebradas pela primeira vez em eslavónico. Este passo foi uma grande vitória dos dois irmãos e seus discípulos, mas, pouco tempo após a morte do referido Papa, o seu sucessor proibiu a leitura da Bíblia Sagrada em eslavo.

No ano 885, Bóris, Czar da Bulgária, converteu-se ao Cristianismo e ofereceu condições aos discípulos de Cirilo e Metódio para traduzirem os livros sagrados em eslavónico. Mais tarde, quando Bizâncio perdeu a sua importância, a Bulgária passa a ser o centro da língua eslava e da cultura religiosa ortodoxa. A transformação da

Bulgária num centro importante de cultura religiosa foi outro passo importante na história. Já nessa altura havia algumas diferenças entre os dialectos dos diferentes povos não sendo, no entanto, necessárias traduções quer da língua quer do alfabeto eslavo.

Em 945, século X, a Rússia, com o seu povo eslavo, aceita também o Cristianismo, 123 anos depois dos búlgaros. As diferenças entre os dois dialectos, búlgaro e russo, eram mínimas tendo os russos aceite o «búlgaro antigo» dotado de uma escrita graças à invenção do alfabeto cirílico pelos dois irmãos eruditos Cirilo e Metódio. Já há muito tempo o Búlgaro antigo se tinha tornado a língua oficial da Igreja Ortodoxa.

Só muito tempo depois, é que no resto da Europa se começou a falar a língua materna dos respectivos povos durante as missas, em vez do latim ou do grego. Na Inglaterra começou-se a falar inglês nas missas só no final do século XIV e na França só no século XV.

Poderemos assim dizer que Cirilo e Metódio, com a ajuda dos seus discípulos, em meados do século IX, 560 anos antes dos restantes povos, revolucionaram a leitura dos Livros Sagrados durante as missas, tendo obtido o povo eslavo uma grande vitória sobre o Cristianismo.

Até na escrita, foi apenas depois do século XVI que na Europa se deixou de usar Livros Sagrados escritos em eslavo. Até o ritual executado por um príncipe antes de se tornar rei, após a morte do rei precedente, tinha a presença do Livro Sagrado escrito em eslavo para a prestação do juramento.

O trabalho que nos deixaram os dois irmãos é sem dúvida um dos mais ricos e notáveis pois eles não só criaram o alfabeto eslavo como também enriqueceram a cultura do seu povo e do mundo inteiro. Hoje, o povo eslavo é a única etnia mundial que conhece a origem e os criadores do seu alfabeto.

Cirilo disse: «Se Deus criou povos com várias línguas, isso dá-lhes o direito de celebrarem Deus na sua própria língua.»

Línguas Eslavas

As línguas faladas a sul e a leste do mundo eslavo, na Europa oriental, preservaram, durante a sua evolução, os alfabetos criados na época em que surgiram tais troncos filológicos. Assim, depois dos primeiros caracteres glagolíticos, os dois irmãos criaram os caracteres cirílicos que deram início aos alfabetos cirílicos modernos: russo, búlgaro e servo-croata.

As línguas eslavas constituem um ramo da família linguística do indo-europeu. Abrangem todos os idiomas e dialectos que se falam na vasta região compreendida

entre as estepes russas, a leste, a planície polonesa, a oeste, e a parte setentrional da península balcânica ao sul, com exceção do húngaro, que é uma língua fino-ugriana.

Tradicionalmente, entre os povos eslavos distinguem-se as seguintes áreas linguísticas:

As línguas eslavas orientais compreendem o russo e o ucraniano. As línguas eslavas ocidentais são o checo, o eslovaco, o polaco.

Nas regiões meridionais fala-se o búlgaro, próprio da Bulgária e das regiões limítrofes da Roménia e da Grécia; o macedónio, da Macedónia e norte da Grécia; o esloveno, da Eslovénia e zonas fronteiriças da Croácia; e o servo-croata, principal língua eslava do sul, falada na Sérvia, Croácia, Montenegro e Bósnia-Herzegovina. O servo-croata é grafado em alfabeto latino na Croácia, e em cirílico na Sérvia.

As línguas eslavas modernas descendem do proto-eslavo, estreitamente aparentado com o protobáltico, do qual originaram as línguas bálticas. Destas, só persistiram o lituano e letão. Os eslavos habitaram uma região a norte dos Cárpatos até aos primeiros séculos da era cristã, quando começaram a expandir-se, alcançando, no século VI, as fronteiras do Império Bizantino.

Em finais do século IX, esses povos adoptaram o cristianismo. A língua que utilizaram nos seus textos religiosos constituiu a base do eslavónio, língua litúrgica dos eslavos ortodoxos. Para transcrever os sons das línguas eslavas, como já sabemos, criaram o alfabeto, hoje chamado cirílico, inspirado essencialmente nas letras cursivas gregas, mas que para representar os fonemas inexistentes em grego, contava também com grafemas, procedentes de outras línguas já existentes. Quase ao mesmo tempo, começou-se a usar o alfabeto cirílico - assim chamado em homenagem a São Cirilo - que apresentava traços comuns com a escrita glagolítica e a uncial grega.

O eslavo disseminou-se pelos territórios evangelizados e proporcionou a esses povos uma língua escrita comum. Embora a origem da língua escrita de Cirilo e Metódio pareça estreitamente vinculada às línguas macedónias, variantes do búlgaro, a sua expressão oral não devia diferir muito do idioma usado pelos eslavos, pois a divergência dialectal na época era muito pequena.

Entre os séculos X e XII, registaram-se diversas mudanças no sistema vocálico, com diferentes resultados em cada dialecto, o que levou ao desenvolvimento de grupos separados de línguas. Essas, em parte, coincidem com as características gerais que modernamente distinguem o ramo eslavo. Embora o eslavo eclesiástico se tenha conservado em essência como língua litúrgica, com o tempo o ramo eslavo dividiu-se em várias dialectos.

A maior parte dos documentos redigidos em eslavo (os mais antigos remontam ao século X) são religiosos. No século XI, em consequência do cisma do Oriente, que

separou as igrejas romana e bizantina, a escrita eslava foi suprimida em algumas regiões. Assim, as literaturas vernáculas começaram a desenvolver-se em alfabetos derivados do latino, começando assim o processo de normalização das línguas eslavas ocidentais. Todavia, o desenvolvimento das línguas literárias vernáculas nos grupos eslavos orientais e na maioria dos meridionais foi condicionado pelo uso da escrita eslava. Na Rússia, a língua escrita surgiria em grande parte como um meio-termo entre a língua popular e o eslavo eclesiástico.

Na Idade Média, as línguas eslavas expandiram-se nas regiões orientais, onde se impôs um alfabeto cirílico simplificado. Contudo, nas regiões do oeste, os colonos germânicos fizeram com que essas línguas retrocedessem progressivamente.

Entre as modernas línguas eslavas, o russo ocupa lugar de destaque, tanto pela cultura de que tem sido veículo como pela sua expansão e número de falantes. A partir da idade moderna propagou-se pela Sibéria, e, em finais do século XX, era falado como primeira ou segunda língua pela grande maioria dos países que formavam a extinta União Soviética.

Evolução linguística

As línguas eslavas, juntamente com as bálticas, são os grupos linguísticos que seguem com mais fidelidade o modelo indo-europeu, nisto diferindo das línguas germânicas e latinas. No ramo eslavo registam-se poucos fenómenos de evolução radical e quase todas as línguas mantêm os traços característicos do eslavo comum. Assim, a comunicação oral entre os falantes de diferentes idiomas, embora difícil, não é impossível.

No campo da fonologia é comum a todas as línguas eslavas a oposição entre consoantes duras ou brandas. O mais curioso, no plano gramatical, é a manutenção do sistema indo-europeu de casos, do qual perduram o nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo, instrumental e locativo, somente faltando o ablativo. Sob esse aspecto, o búlgaro e o macedónio constituem grandes excepções, pois mantiveram apenas um sistema bicasual (com os casos directo e oblíquo), compensado pelo uso mais frequente de preposições. É também uma característica dessas duas línguas o artigo definido posposto, que não existe nos demais troncos eslavos. Os substantivos podem ser de três géneros: masculino, feminino e neutro, e, excepto no esloveno, perderam o dual. Os tempos verbais formam-se a partir de dois radicais de um mesmo verbo, que indicam o Pretérito Perfeito (resultado da acção) e o Imperfeito (que representa a constatação de facto, a repetição da acção ou a própria acção).

O vocabulário fundamental das línguas eslavas, que deixa transparecer antigos vínculos com os troncos linguísticos germânico e indo-iraniano, enriqueceu-se

progressivamente com a introdução de prefixos e sufixos e mediante combinações de raízes. Regionalmente, observam-se influências de línguas estrangeiras, sobretudo do alemão, no Oeste, e do turco, nos Balcãs. Para criar novos termos costuma-se recorrer à adaptação de vocábulos gregos e latinos, e são muito frequentes os empréstimos entre as diferentes línguas eslavas.

O ensino da língua - Particularidades do ensino da língua russa como língua estrangeira na etapa inicial.

A língua é um sistema de sinais de natureza física que serve de meio de realização do pensamento e da comunicação humana; no seu sentido propriamente dito, a língua, composta por palavras, é um fenómeno socialmente necessário e historicamente condicionado. Uma das manifestações naturais e imediatas da língua é a fala, a qual nos aparece sob a forma de comunicação oral. A língua é um sistema de comunicação que não só serve a sociedade, como é um património social. A sociedade tem interesse em cultivar a língua, em torná-la mais rica e perfeita. No processo da comunicação, os *intervenientes* trocam mensagens portadoras de informação que lhes é necessária e, por isso mesmo, nova.

Nos dias de hoje abre-se uma nova perspectiva à Pedagogia. Se antes, no processo de ensino da língua, se ensinava principalmente a gramática, agora põe-se sobretudo o problema da estrutura da composição significativa do texto. Para se compreender o que significa um texto é necessário tomar atenção a alguns componentes essenciais da estrutura de fala. É sabido que a fala se desdobra na dinâmica *multi-estratificada* do mecanismo das unidades linguísticas - os fonemas, os morfemas, os sintagmas, as orações. O desenvolvimento, a aceitação e a generalização da fala dão-se através da elaboração do todo a partir dos elementos. O ouvinte reconhece no texto as unidades da língua e capta desse modo a oração completa. O orador, para mais, deve partir do todo que forma o conjunto da mensagem formulada na sua cabeça, ou, de outro modo, não obterá um texto coerente. Por outras palavras, é necessário levar a cabo uma análise cognitiva.

A síntese da análise cognitiva consiste em fazerem-se - com base no estudo dos elementos e das variadas propriedades do objecto - tentativas de elucidar e explicar a estrutura e as propriedades do todo. Daqui resulta que no processo da comunicação oral trabalha activamente não só a língua sonora, mas também a fala interna. É necessário formar aquele «todo» que se dirige aos interlocutores e este todo é a ideia do texto. Os meios da fala interna são diferentes dos da fala externa. Quando o Homem fala ou ouve a fala, emergem de relance aqueles esquemas e imagens evidentes já anteriormente consolidados. Estas imagens são, por si,

intransmissíveis e é necessário, por isso, substituí-las por palavras. E nisto consiste, grosso modo, o processo de compreensão. Esta não é só um método, mas também um objecto de reconhecimento, de investigação bastante multifacetado. A variedade das formas e dos meios de compreensão no mundo humano está condicionada pela multiplicidade real das línguas.

Existe uma estreita ligação entre as línguas e o clima. O sol produz sons vocálicos, da mesma forma que contribui para o crescimento das flores. No Norte abundam os sons consonânticos, do mesmo modo que abunda o gelo no seu território. O equilíbrio entre consoantes e vogais estabelece-se nas línguas intermédias, fruto de climas temperados.

Para o ensino de uma língua estrangeira há, evidentemente, que ter em conta este factor. O ensino inclui em si um sistema de noções teóricas e de formas organizadas que assegura a possibilidade de obtenção individual e sistemática de conhecimentos e hábitos, através dos diferentes tipos de estudantes. O ensino deve partir da individualização máxima do processo de aprendizagem, no qual cada estudante poderá aprender em consonância com as suas capacidades individuais, ritmos individuais de aprendizagem, etc.

As variantes de ensino mais eficazes devem focar aqueles aspectos tais como a automatização do controlo dos conhecimentos dos estudantes e a utilização da técnica de estudo e de consulta por parte dos mesmos. Ao número das abordagens modernas na elaboração de novos sistemas remetem-se aquelas orientadas para a resolução das questões didácticas que propõem a formação de sistemas de adaptação do ensino com a ajuda do computador.

O desenvolvimento e o aproveitamento do ensino fizeram surgir novas questões de carácter teórico e prático acerca das melhores formas de gestão do mesmo, e garantiram um aproveitamento mais intensivo e a criação de mecanismos especiais de ensino.

Segundo o *Dicionário de Língua Russa*, de S. I. Ojegov, ensinar significa «instruir informando, transmitindo um testemunho sistematizado de qualquer disciplina didáctica». O ensino é um processo criativo e as iniciativas criativas do professor devem ser expostas e este, como possuidor das bases principais da sua profissão, começa criativamente, a dar-lhes nova interpretação e a formular as técnicas que melhor correspondam ao carácter da sua individualidade e às condições de trabalho, o que, no final das contas, irá garantir a eficácia do processo didáctico.

Ao assumir a gramática de qualquer língua que não seja a materna, não é possível contar só com a formação espontânea dos hábitos gramaticais da fala e da escrita correctas. A compreensão do todo da estrutura gramatical de uma língua estrangeira e a sua especificidade, que tem como fundo a língua materna, facilita em

muito, e torna mais seguro, o domínio da língua.

Uma condição obrigatória para o domínio prático de uma língua estrangeira é a capacidade de construir orações que correspondam a determinadas situações orais, de acordo com as normas dessa mesma língua.

As informações sobre o sistema da língua estudada e as regras de união e de utilização das unidades em análise ensinam-se através de um esquema de modelos estruturais, ou seja, de exemplos de conversação. Os exemplos de conversação empregam-se tanto na introdução de um material gramatical novo, como no sistema de seu processamento, isto é, em exercícios. No entanto, a utilização do sistema dos modelos estruturais pode dar o efeito desejado somente quando se tem, na base do exemplo de conversação, um esquema estrutural que tenha uma ampla capacidade de variar os componentes gramaticais do exemplo e que sirvam ao estudante como padrão em caso de execução de acções por analogia.

O processo de formação, por parte dos estudantes, dos seus próprios discursos numa língua estrangeira, exige o domínio consciente da estrutura gramatical dessa língua. O estudo do sistema gramatical da língua obterá maior efeito se for apresentado através do confronto do sistema da língua materna com o dessa língua em estudo. Tal confronto apoia-se sempre na análise comparativa da estrutura significativa das palavras e, na maioria dos casos, provoca um resultado positivo visível.

Na organização de aulas de língua russa tem-se em atenção, por um lado, a categoria do material oral, as faculdades e hábitos de fala e, por outro, os objectivos e período do ensino. Os objectivos do ensino da língua russa como língua estrangeira são: a consciência e consolidação dos hábitos de domínio da língua - o ensino da conversação, que exige um alto nível de automatização.

Uma das principais tarefas de ensino da língua russa na etapa inicial é a de alicerçar as bases da fala correcta. A resolução desta tarefa exige uma compreensão consistente, a consolidação dos significados e das formas das unidades gramaticais e lexicais da língua, e uma prática abundante da sua utilização na fala.

Ao apresentar-se o material gramatical há que ter em vista que a compreensão das unidades gramaticais, e mesmo do sistema da língua, não é por si só o objectivo do ensino: pode-se saber gramática e não dominar a língua. O objectivo consiste não em saber somente gramática, mas também em conseguir empregá-la na fala. Esta tarefa mais importante realiza-se através de exercícios direccionadas para trabalhar as capacidades e hábitos determinados pelo programa, dependendo dos objectivos de comunicação e das condições de ensino.

Um dos princípios básicos do ensino da língua estrangeira é de elaborar uma noção geral sobre os principais traços da concepção metodológica na qual se

constrói a apresentação, a consolidação e a introdução dos estudantes na fala dos modelos estruturais básicos da oração russa. Antes disto, é dada uma importância particular ao significado da função da declinação, o qual se obtém através da consciencialização do material gramatical por parte do aluno, com a ajuda da comparação com a língua materna.

Há que referir que o domínio prático da língua russa, por parte dos estrangeiros, é particularmente dificultado pela existência de um sistema de declinações. A assimilação das significações múltiplas das declinações, das diferentes terminações como princípio - base de mudança da forma dos substantivos, dos pronomes, dos adjectivos e dos numerais, apresenta-se, aos estudantes estrangeiros, como o travão da sua rápida aprendizagem.

O sistema de declinação da língua é, por variadas causas, difícil para a maioria dos estrangeiros, independentemente do facto de existir ou não na língua materna de cada um, o dado fenómeno gramatical. É por isso que a questão da elaboração de conhecimentos e hábitos de utilização das declinações na fala é um dos principais e mais complexos problemas da metodologia do ensino inicial da língua russa como língua estrangeira. O professor que assim a ensina como língua estrangeira tem que dar particular significado ao momento de apresentação do material gramatical, da organização correcta do qual depende a exactidão da fala dos estudantes, a capacidade de construir orações por si próprios e inseri-las nas situações dialogais em constante mudança. Já se sabe que a quantidade, a qualidade e o preenchimento linguístico dos exercícios que os estudantes devem executar, ajuda a atingir mais rapidamente hábitos de domínio dos modelos estruturais iniciais, necessários para a comunicação oral possível na etapa inicial.

A acumulação gradual e a tomada de consciência dos fenómenos gramaticais dão finalmente ao estudante uma noção geral sobre a estrutura da língua russa em comparação com a estrutura da língua materna

Se, por exemplo, se puser ante o estudante o objectivo de falar e compreender a fala russa, num diapasão amplo, cairemos na situação de que a maioria do tempo do processo didáctico será ocupado pelo treino prático, e então o estudante não terá, a curto prazo, uma noção mais ou menos exemplificada do sistema da língua russa. O material dividido em pequenas doses, mesmo que bem activado, não dá ainda ao estudante uma noção completa da língua estudada.

É por isso que no processo de ensino são necessárias técnicas pedagógicas particulares, durante as quais se dá a sistematização dos conhecimentos gramaticais em forma de micro-esquemas completos. E assim, ao se terminar, por exemplo, o estudo do sistema de declinações dos substantivos, é necessário fornecer ao estudante tabelas que generalizam todas as declinações estudadas e as suas formas.

O consolidação das formas declinativas terá mais sucesso, quando maior for a quantidade de material que se utilize para treinar, e é por isso que a introdução de novas estruturas que expressem formas conhecidas constitui um factor positivo.

A Língua Russa em Portugal

A história dos contactos entre as línguas portuguesa e russa ainda não está bem estudada. A informação, que consta nas primeiras notícias sobre a Rússia, chegou a Portugal com as narrativas das viagens pelo Oriente, feitas pelo veneziano Marco Pólo, nos finais do século XIII, no seu manuscrito «Da província de Rossiya», editado em Lisboa, e também na carta escrita pelo Dr. Martim Lopes, em 1500.

Desde que a Rússia saiu do seu isolamento, o imperador Pedro I, *O Grande* (1682-1725) «abriu uma janela à Europa». As relações com o Ocidente multiplicaram-se e começaram a perder o seu carácter esporádico.

O número de europeus, que se fixaram com famílias em Moscovo ou que permaneceram durante uma longa estadia, aumentou a tal ponto, que apareceu na cidade um bairro destinado só a estrangeiros. Há confirmação da presença entre eles de portugueses.

Um dos primeiros chefes da Polícia de São Petersburgo, fundada em 1703, era um português chamado Conde Sapicha, que o Czar Pedro encontrou como marinheiro de um navio mercante na Holanda, em 1676, e que depois de ter entrado para a Guarda Imperial, foi nomeado chefe da Polícia. Já depois da morte de Pedro, *O Grande*, viu-se envolvido em algumas aventuras e complicações na corte russa e acabou por ser mandado para a Sibéria.

O convívio entre os dois países e o desenvolvimento das relações comerciais justificou a instalação da Embaixada Portuguesa na Rússia. A nomeação do primeiro embaixador português na Rússia data de 1778. Era a época do reinado na Rússia da czarina Catarina II (1762-1796). O enviado português à corte russa, Horta Machado, chegou a São Petersburgo em 1779. A *Gazeta de Lisboa*, periódico daquela época, terá começado a publicar notícias da Rússia.

O *Diário de Notícias*, de 22 de Abril de 2004, no artigo de Ana Marques Gastão "Europa com 20 idiomas e Portugal pouco os ensina" refere o seguinte:

«Com a adesão, a 1 de Maio, de dez novos estados (Polónia, República Checa, Eslováquia, Hungria, Eslovénia, Letónia, Estónia, Lituânia, Malta e Chipre), a Europa passará a trabalhar em vinte idiomas diferentes, o que levará à contratação de milhares de funcionários: intérpretes, juristas, linguistas, altos responsáveis. E a Língua, como se sabe, cruza vectores tão relevantes como o científico-cultural, o pedagógico-didáctico, o económico e o político, aprendendo-se não só por razões

de ócio-erudito, mas por motivos de utilidade pessoal e colectiva.

Se no plano europeu, a tendência será a da simplificação, já que a maioria de pessoas preferem o inglês - que as novas gerações da Europa privilegiam -, em Portugal o ensino destes idiomas (estónio, letão, lituano, polaco, checo, eslovaco, húngaro, esloveno, maltês e como não oficiais o russo e turco) é de uma grande escassez, sobretudo no domínio das universidades.

Nos três países bálticos (Estónia, Letónia e Lituânia) as minorias russófonas somam perto de milhão e meio de pessoas. Outra novidade na União Europeia.»

Se o destino da Europa não será babélico, muito menos o de Portugal, pelo menos nos tempos mais próximos. Entre estes novos idiomas, o russo está a ser leccionado (no ano lectivo 2003-2004), como curso livre ou opção.

O panorama é, portanto, de alguma pobreza, apesar do surto de imigração, não que não haja interesse por parte das Faculdades, mas não abunda a disponibilidade económica e a procura é reduzida. Basta dizer-se que, no plano da tradução literária, há muito poucas pessoas a trabalhar. O russo e o polaco são, porém, as línguas mais procuradas, o que terá a ver com a dimensão dos países. E com a chegada das nove línguas à União Europeia, os tradutores e intérpretes, sobretudo no aspecto técnico, serão muito solicitados. Curiosamente, em Portugal, é fora das Universidades que se verifica um maior fôlego no incremento do ensino destes idiomas, em que qualquer pessoa se pode inscrever. A experiência adquirida, tanto por professores como alunos, tem vindo a demonstrar que, cada vez mais, o ensino tem que se adaptar às novas exigências da sociedade contemporânea. Esta sociedade sofre grandes mutações em espaços temporais cada vez mais curtos e os diversos sistemas de ensino não podem ficar estáticos, incapazes de promover a formação de indivíduos úteis.

Na sequência destes factores, há já algum tempo que se faz sentir a falta de portugueses habilitados a movimentarem-se com facilidade nos mercados dos países do Leste emergentes no novo século. Estes mercados, que incluem mais de metade da área e da população europeia, têm a particularidade de só num passado ainda recente terem sido abertos ao Ocidente, resultando daí um enorme movimento de pessoas, prevendo-se, a curto prazo, um enorme movimento de bens e serviços.

Não nos podemos esquecer dos aspectos culturais. Neste caso há ainda mais a explorar se considerarmos que grande número dos eventos históricos, científicos, culturais etc., que mais profundamente influenciaram o curso da história e desenvolvimento na Europa e no Mundo, ocorreram na região leste da Europa.

Portugal, inserido geográfica e politicamente numa comunidade de estados cuja tendência é o alargamento, tem necessidade de diversificar os seus contactos a nível político económico e social. Para tanto é obrigado a recorrer a especialistas nos diversos aspectos que caracterizam as sociedades, capazes de fundamentar as suas

opiniões ou aconselhar devidamente governos ou investidores.

No que concerne o funcionamento do Estado, são conhecidos os problemas actualmente enfrentados por tribunais, forças policiais e de segurança, assim como organizações não governamentais, em relacionarem-se com o crescente número de imigrantes do Leste que circulam pela Europa e por Portugal em particular.

No respeitante às empresas, estas têm tido dificuldades extremas em ganhar o seu espaço no mercado, por não existirem nos seus quadros pessoas habilitadas a representar os interesses das mesmas no meio burocratizado dos países do Leste.

A nível cultural podemos referir a falta de traduções a partir dos originais dos grandes clássicos da literatura ou do cinema.

Podemos assim afirmar que, até ao momento presente, são pouquíssimos os especialistas em economia, política ou cultura do Leste Europeu, mas também podemos afirmar, sem querermos assumir capacidades visionárias, que uma grande fatia do futuro de cada um dos países europeus passa pela sua capacidade de adaptação rápida aos novos desafios da expansão do mercado mundial para Leste.

Paralelamente, também podemos afirmar o interesse que qualquer cidadão oriundo do Leste Europeu terá em frequentar uma licenciatura que permita a sua rápida inserção no mercado de trabalho do país que o recebe. Para estes cidadãos, a licenciatura terá um cariz talvez mais simples, considerando que já possuem uma formação prévia em algumas disciplinas do curso, obtendo no entanto um grau académico no final do mesmo, que lhes permite facilmente o acesso ao emprego em Portugal ou em qualquer outro país da Comunidade Europeia.

Em Portugal, a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, assumiu o desafio de criar condições para os estudantes portugueses e outros, se tornarem membros extremamente necessários à sociedade e acaba assim de criar, no conjunto de seis licenciaturas em Línguas e Literaturas Modernas, a primeira licenciatura oficial de «Estudos Portugueses e Russos».

Mediante o curso de Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas e na linha do já existente curso de Licenciatura em Tradutores e Intérpretes, esta nova licenciatura pretende complementar tanto teórica como do ponto de vista prático, a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias oferece a oportunidade de obter uma formação científica e profissional de nível superior, à altura dos novos desafios e tarefas do mundo contemporâneo, designadamente em função e segundo as perspectivas da União Europeia.

O número previsto das aulas teóricas e práticas da Língua, Literatura e Cultura Russa no curso diurno ou nocturno é suficiente para um estudo ao nível académico.

O sistema pedagógico pode ser descrito como estrutural/funcional, onde estruturas gramaticais e lexicais são aprendidas através da material didáctico

adaptado aos falantes de língua portuguesa. Para tal, as explicações gramaticais e lexicais, bem como os enunciados e instruções dos exercícios de aplicação, são dados em português. As instalações, equipadas com Biblioteca e materiais áudio, vídeo e multimédia, estão sempre ao dispor dos alunos.

O futuro dos alunos (saídas profissionais) que decidam enveredar por esta licenciatura, é assegurado pela crescente procura de intérpretes, tradutores, professores, investigadores, representantes de negócios ou pessoal habilitado ao preenchimento de vagas nas embaixadas e nas empresas, sentida ultimamente pelas empresas e órgãos do Estado que, em crescendo, se têm virado para o Leste da Europa. Não nos devemos esquecer dos aspectos internos e assim ter em atenção que o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras prevê o alargamento dos quadros, com certeza incluindo alguns especialistas na língua e cultura Russa, na Polícia Judiciária, nos Tribunais, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, nos Hospitais, nos Correios, nas Forças Policiais em geral, nas Forças Armadas e nas instituições e organizações nacionais e internacionais. Isto para mencionarmos apenas algumas das entidades que, por inerência de funções, mais premência têm de verem os seus quadros preenchidos com pessoal com uma formação exemplar nesta área da Europa que para os portugueses continua a ser desconhecida ou pouco conhecida.

Eis a declaração de uma aluna, no terceiro ano da Licenciatura de Tradutores e Intérpretes, que frequenta aulas de língua russa:

«Quando ficou decidido que iríamos ter a língua russa como 3ª língua, senti-me entusiasmada porque foi-nos dito que seríamos os primeiros licenciados em russo no nosso país e porque o conhecimento desse idioma representa numa mais valia no nosso currículo, que poucos poderiam afirmar ter.

De início, os temas dados podem parecer complicados, devido à multiplicidade das declinações e dos casos gramaticais, mas com a prática de exercícios, tanto escritos como orais, tudo se torna mais claro. A aprendizagem de língua russa não é, portanto, uma tarefa difícil, desde que o aluno se aplique e estude regularmente.»

Apenas algumas razões para se aprender a Língua Russa:

1. É uma das cinco línguas mais importantes da actualidade.
2. Segundo dados da ONU, mais de 600 milhões de pessoas expressam-se em russo.
3. É uma das línguas oficiais da ONU - «idioma de trabalho».
4. É um poderoso auxiliar na aquisição de novos conhecimentos técnicos e científicos.

O Imperador Carlos V, aconselhava a falar: «com Deus em espanhol, com os amigos em francês, com os inimigos em alemão, e com as damas em italiano. Mas se Carlos V soubesse a língua russa, diria certamente, que em russo se pode falar com todos: com Deus, com os amigos, com os inimigos e com as damas, porque na língua russa há a majestade do espanhol, a vivacidade do francês, a força do alemão, a leveza do italiano e, além disso, a riqueza, a expressividade e a concisão do latim e do grego» (M.V.Lomonosov).

Bibliografia

ANDRADE Fr. L. A Rússia, a Turquia e a História da actual guerra do Oriente. Porto. 1854.
BATALHA L. A Rússia por dentro: esboço analítico da civilização moscovita. Lisboa. 1905.
CARVALHO R. Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII. Lisboa. 1979.
OJEGOV S.I. Dicionário de Língua Russa. Moscovo. 1991.
Dicionário Enciclopédico. Rio de Janeiro. 1979.
Diário de Notícias, 22 de Abril de 2004.